

Que Boêmia é esta e que Boêmio é este? – Reflexões sobre o Fazer Cotidiano: o Boêmio entre o Discurso e a Prática na Década de 1930 na Cidade de Ponta Grossa-PR

César Leonardo Van Kan Saad
Jonathan de Oliveira Molar

Resumo: O que é ser boêmio? Quais as práticas e características desse grupo *sui generis* que permeia o imaginário e os espaços da urbe? De forma mais abrangente, como definir boêmia? Se tais indagações fazem-se complexas, histórica e historiograficamente também o são, pois, a noção de boêmia encontra-se em espaços plurais reunidos sob a ótica da cidade. O ambiente noturno como escopo, as bebedeiras, os jogos de azar, os flertes amorosas, genericamente, podem ser traços definidores do boêmio, todavia, não se pode resumir e estreitar o escopo definidor apenas nessas adjetivações, afinal, a boêmia compreendida enquanto discurso e prática se transforma, ressignifica-se no tempo e no espaço (material base do historiador em suas análises), para tanto e por mais que haja alguns aspectos de similitude, o boêmio do século XIX não é igual ao do século XX que também se diferenciará daquele do século XXI. E, mesmo que se concentre em um mesmo recorte temporal, o boêmio paulista pode vir a ser distinto do paranaense, do parisiense etc., enfim, pluralidade de abordagens etimológicas e discursivas sobre tal grupo torna-se a palavra-chave. Nesse emaranhado teórico-prático, o presente artigo objetiva analisar as representações sobre a boêmia durante o ano de 1937 na cidade de Ponta Grossa-PR, a partir da coluna “Notas Mundanas”, veiculadas pelo “Jornal da Manhã”. Notadamente, torna-se um desafio instigador discutir os aspectos referentes a um “ser-fazer” boêmio em uma cidade de médio porte que, durante a década de 30, apresentava-se provinciana e conservadora, buscando em consonância com o panorama nacional, os rumos para uma urbe civilizada; vasculhar a boêmia em cidades do interior traz novo fôlego às discussões sobre a boêmia e foge das grandes metrópoles, as quais, em linhas gerais, vem sendo cansativamente estudadas pela historiografia. O ano de 1937 encontra-se em um momento emblemático, ou seja, é aí que se inicia o Estado Novo varguista em um processo de modificações que já vinham sendo engatilhadas desde 1930 e que rompem em grande medida com alguns aspectos da República Velha brasileira, porém, nas representações sobre a boêmia como é retratado tal personagem da trilha urbana? Há grandes transformações no discurso sobre seu *modus vivendi*? Boêmio como malandro; boêmio como a juventude da elite que goza os prazeres da vida, mas sem se afastar da jornada civilizadora; boêmio que rompe com padrões sociais; boêmio que está inserido em um discurso legitimador; em outros termos, faces que compõe as representações de um mesmo personagem. Com base na coluna jornalística, em uma pequena série de crônicas pretende-se analisar um conjunto de práticas e discursos sobre a vida boêmia e, mais do que isso, o retrato e as diretrizes condutoras da sociedade pontagrossense, afinal, focar a interpretação em um conjunto micro não denota, de modo algum, superficialidade, pelo contrário, a partir da “lupa” do historiador decodifica-se tramas encravadas no coração da cidade, seja a de âmbito regional, seja a nacional.

Palavras-chave: boêmia, sociabilidade, representações.

Introdução

A proposta de pesquisar a noção de boêmia e mesmo a de compreender como tal prática dá forma a um determinado cotidiano remete-nos a constituição de uma cultura urbana, uma vez que nos propomos a problematizar o cotidiano noturno da cidade de Ponta Grossa. Cotidiano esse da década de 1930, especificamente, as representações da vida noturna e de seu precípua “freguês” – o boêmio, a partir da coluna Notícias Mundanas do Jornal Diário dos Campos.

Cotidiano e cidade se fundem e se dinamizam na construção constante de fomentar uma prática, nesse caso, a prática boêmia, resultando em um emaranhado teórico e pragmático que sujeita tramas e cenários ativos de um fazer-se a todo o momento nos espaços da cidade, assim como, aqueles resultantes de uma dada sociabilidade. Nesse sentido, aponta Certeau:

As práticas do espaço correspondem, elas também, a manipulações sobre os elementos de base de um ordem construída [...] sentido literal definido pelo sistema urbanístico [...] o espaço geométrico dos urbanistas e dos arquitetos parece valer como o “sentido próprio” construído pelos gramáticos e pelos linguistas visando dispor de um nível normal e normativo ao qual se podem referir os desvios e variações do “figurado” [...] (CERTEAU, 1998, p.180).

Partiremos destas proposições para delinear o estudo sobre cidade e cotidiano, pensando no nosso caso, um cotidiano noturno que se define em contraposição ao cotidiano que corresponde à normatividade do mundo do trabalho - o diurno. Assim, percebemos um embate estabelecido e um conflito que se expressa na documentação analisada entre esses dois cotidianos que compõe o mesmo todo, além disso, há o confronto entre a boêmia e a malandragem a partir da reprodução de determinados valores e expressões de dadas tradições guiadas por projetos da sociedade conservadora - políticos, economistas, sanitaristas etc.

Para tanto, não analisamos um conjunto documental vasto, apenas três fragmentos de jornal, pois, temos como propósito o de problematizar o discurso ali presente sobre a boêmia, de modo a apresentar uma reflexão recortada sobre a temática e não uma serialização do modo pelo qual o jornal enquanto discurso oficial representava o mundo boêmio¹.

Deste modo, em um primeiro momento nos dedicamos a uma reflexão sobre: interpretações e considerações do que é boêmia? E o que é ser boêmio? As possíveis respostas para tais perguntas foram buscadas pelo veio historiográfico - primeiro em Mônica Veloso e, posteriormente, em Maria Izilda de Matos. Em um segundo e terceiro momentos, estabelecemos os ditames de uma discussão em torno de cotidiano e cidade e, por fim, a triangulação das discussões conceituais com os fragmentos jornalísticos que abordavam a boêmia.

Para a análise das crônicas torna-se importante utilizar o conceito de representação como ferramenta metodológica para tal empreendimento, pois, acrescentam-se diversas possibilidades de abordagens e em dinamismo para a respectiva produção. Conforme Chartier:

[...] a representação é instrumento de um conhecimento imediato que faz ver um objeto ausente através da sua substituição por uma “imagem” capaz de o reconstituir em memória e de o figurar tal como ele é. [...] outras porém, são pensadas num registro diferente; o da relação simbólica que [...] consiste na representação de um pouco de moral através das imagens ou das propriedades das coisas naturais [...] . (CHARTIER, 2002, p.20) [Sem grifos no original]

Nesse sentido, não poderemos recair em uma ingênua pretensão historicista-metódica da neutralidade, pois, as percepções do plano social produzem estratégias e práticas que tendem a imprimir e a legitimar um projeto reformador ou a justificar as escolhas e valores de seus próprios indivíduos. Segundo Baczko: “por detrás dos imaginários, procuravam-se os

agentes sociais, por assim dizer, nos eu estado de nudez, despojados de suas máscaras, de suas roupagens, dos seus sonhos e representações e etc. (...)” (BACZKO, 1985, p. 311).

Notadamente analisamos essa “imagem”, a forma cuja sociedade expõe as práticas boemias à nível micro, isto é, a cidade de Ponta Grossa, todavia, apoiado pelo arsenal teórico, podemos realizar pontes contextuais com cenários mais amplos – Paris? Rio de Janeiro? As possibilidades são amplas.

1. Retalhos interpretativos - o “passado” que se notabiliza

Não há como pensar o contexto por meio dele mesmo, ou seja, não há contexto exclusivamente enquanto contexto, pois, há interpretações do mesmo e, assim, iniciaremos nossas reflexões a um tema tão vasto na prosa do bar e ao mesmo tempo escasso no vocabulário dos historiadores. Pergunto-lhes: a formalidade não levaria os historiadores a se calarem sobre uma prática da qual eles mesmos praticam? Pergunta capciosa que deixamos ao leitor muitas e possíveis decodificações. Apenas afirmamos que, por certo que sim e por certo que não, mas nos ateremos a não invadir um campo problemático e prático da vida dos historiadores e, sim, pensar o nosso objeto - a boêmia, o boêmio e as práticas e relações que podem convergir.

Nesse sentido, partiremos para início de reflexão, de duas interpretações da historiografia brasileira, a primeira apresentada por Mônica Veloso e em seguida por Maria Izilda de Santos de Mattos. Dois edifícios interpretativos que revelam particularidades de uma mesma relação, ou melhor, de uma mesma prática cotidiana, todavia, apresentadas de modo dispares.

Mônica Veloso discute a consolidação da modernidade paralela ao mundo da intelectualidade boêmia – os cafés cariocas. A autora pensa estes locais como ambientes de discussões e de desenvolvimento de idéias, nesses ambientes os intelectuais “boêmios” construíam práticas discursivas pensando a sociedade ao qual eles faziam parte, bem como, as maneiras e querelas que se transformavam no cotidiano.

Destarte, a partir da década de 1880, segundo Veloso, os jornais “independentes” multiplicavam-se e em função de um público ampliado, pois, a produção teórica de livros e panfletos intensificavam as conferências ligadas aos cafés, as campanhas republicanas ocupavam as ruas, os “bares”, os “botequins” e os auditórios públicos (MELLO, 2009, p.19). Desta forma, a realidade social era contrastada por um significativo contingente populacional recém liberto, não havia garantias à cidadania, assim, a marginalidade e exclusão não atingiam apenas as camadas populares, mas o conjunto da sociedade, configurando aquilo que Mônica Veloso conceitua como “repúblicas atomizadas” (VELOSO, 2000, p.232)

Poderemos guiar nossa discussão pensando na importância da constituição de um modo de vida alternativo em início do século, ou melhor, em um modo de vida denominado como boêmio, no qual se estabelece a relação de uma certa intelectualidade que adota tal modo de ser, práticas que só com a modernidade se constituiriam, ou seja, um estilo de vida cidadão, nos bares (anos mais tardes), botequins, ou nos cafés – modelos herdado da Paris do século XIX e XX.

Nesse sentido, na difusão da nova cultura através de uma nova relação programada pela modernidade entre o público e o privado, a política fará parte integrante dos boêmios, como também apontará por meio dos espaços públicos, uma circularidade de ambientes de discussões estabelecidas, ao exemplo novamente, dos cafés. Poderemos entender tais espaços de sociabilidade como lugares de possíveis práticas organizadoras da cidade em um sentido mais amplo. Pensar os cafés nos leva a pensar o intelectual neste momento e sua inserção

social por meios dos locais de práticas da boêmia, denotando certa relação conflituosa entre o homem das letras e a figura boêmia, como o foi entre os embates dos literatos da academia com os da boêmia.

A segunda interpretação historiografia abarcada por essa pesquisa é a de Maria Izilda de Mattos, na qual estabelece discussões no que tange a um estudo sobre a boêmia, ou melhor, as noites cariocas em Copacabana entre as décadas de 1940 e 50. Entendendo (Copacabana) como o centro da vida da então capital federal e o berço do samba-canção. (MATOS, 1998).

Percebemos a gama de tipos humanos que compunham o núcleo de relações multifacetadas e de infinitas conexões da sociedade carioca, além disso, formas representativas convergentes e divergentes de distintos segmentos sociais que configuravam o cotidiano noturno dos anos de ouro do então iluminado bairro de Copacabana. Nas novas avenidas, em particular, à beira-mar, passavam automóveis conversíveis, criavam-se a sociabilidades na praia e definiam-se novas formas de relação entre os grupos estabelecidos e os outros – “clandestinos” ao lugar (MATOS, 1998, p.84).

Dessa forma, Mattos pensa Copacabana na “querela modernizadora” e analisa que a modernização poderia ser entendida enquanto prática discursiva, incorporada pelos sujeitos que dialogavam na construção do cotidiano de Copacabana, como também, nas fabricações das contradições que assim se colocavam. Nesse sentido, reforça: “era possível reconhecer um campo comum entre os sujeitos históricos que as vivenciavam. Estabelecia-se uma espécie de vetor comum homogeneizador que comportavam resistências e ao mesmo tempo inconformismo” (MATOS, 1998, p.90).

Deste modo, a intencionalidade de apresentar em um primeiro momento duas interpretações distintas nos faz pensar os vários formatos para os vários momentos da história, como também, da historiografia brasileira. Pois, não dispomos de mecanismos para alcançar a boêmia de fato, em outras palavras, suas práticas por si mesmas, assim, nos ateremos às interpretações, seja do boêmio intelectual de Veloso ou do boêmio que escapa a certas regras do ambiente diurno de Mattos.

2. Da Boêmia ao boêmio – entre o cotidiano e a cidade

Para compreender as constituições, ou melhor, as formas de construção de dado cotidiano por meio de determinadas práticas culturais e discursivas nas configurações das contradições que modelam dadas formas do cotidiano noturno/diurno, pensaremos a cidade como “emaranhado do contraditório”, do controverso. Afinal, a multiplicidade de sujeitos e de práticas de sociabilidade podem se tocar ou não.

Dessa forma, para além da construção generalista e limitada que pensa o boêmio como desvinculado do trabalho ou em reversibilidade ao mesmo ambiente, acreditamos que a categorização que se impele ao boêmio é múltipla, construída em consonante relação com o ser social, detentor de práticas específicas e a estas somadas aos seus modelares cotidianos (MATOS, 1998, p.83). Isto vem a significar um viver de modo diferente, estabelecer regras de modo distinto, ter uma vida que escape ao monótono e ao previsível, respeitando, contudo, alguns códigos de conduta estabelecidos nesse universo social.

Partindo das premissas estabelecidas por Mônica Veloso e Maria Izilda de Mattos não se pode compreender a boêmia enquanto um todo fechado e homogêneo, o ser boêmio, ou mesmo, a cultura boêmia como uma categorização universal e globalizante. A boêmia, seja como noção e/ou prática, não deve ser concebida, ou melhor, reduzida ao âmbito de resistência da modernidade ou aos imperativos desta, pois, desembocar-se-ia a um reducionismo político de uma arte de viver em gozos e nas camaradagens das noites perdidas

e ganhas. Boêmia para além de abstrações teóricas é um jeito vivido, expresso nas delongas de umas bebedeiras, das prosas, das cantigas e canções - a constituição de um universo paralelo distinto e que, em alguns momentos, conjuga-se à turbulenta modernidade dos dias de trabalho.

Para compreender as constituições, ou melhor, as formas de construção de dado cotidiano por meio de determinadas práticas culturais e discursivas que modelam específicas formas do cotidiano noturno/diurno, pensaremos a cidade como “emaranhado do contraditório”, do controverso. Afinal, a multiplicidade de sujeitos e de práticas de sociabilidade podem se tocar ou não.

Assim, partiremos de uma discussão levantada por Jacques Revel, no que tange a Natalie Zemon Davis, em seu clássico *Society and Culture in Early Modern France*, livro este que se propõe enquanto a um projeto de partida para analisar Lyon, umas das grandes localidades comerciais, religiosas e culturais na França do século XVI (REVEL, 2009, pp.124-125). De acordo com Revel, as considerações sobre o estatuto do conjunto urbano foram significativas para pensar que a estruturação da urbe como um modelo de análise uníssono e homogêneo não era a forma mais adequada para explicar diversos aspectos da experiência coletiva em um momento de intensas desordens.

Nesse sentido, Revel, nos aponta que a ambição de Devis: “não era mais a de oferecer uma imagem global de uma entidade social compreendida como uma unidade, mas de compreender certos aspectos relevantes de uma transformação histórica” (Idem, p.125), por meio de formas de diferenciação e de discontinuidades. Para tanto, fica claro a perspectiva que difundiremos em nossas páginas no que concerne à cidade, o espaço desta e as forma de viver e de se sociabilizar. Portanto, longe de uma unidade, a cidade esta a todos os momentos fazendo-se e refazendo-se, do nascer do sol ao brilho da lua. (BRESCIANE, 1998)

Não há como pensar, como já nos demonstra Devis, a cidade como um simulacro fechado, um modelo onde encontraríamos a cidade formada. Portanto, estudar as transformações ocorridas na cidade e em seu cotidiano significa reinventar dadas situações, desse modo, pensaremos uma prática, isto é, a boêmia, a partir de recriações e apropriações no que tange ao ambiente do bar, do botequim, do cabaret, em outros termos, do cotidiano que se faz na noite, na reciprocidade da boêmia e dos expressionismos de vivências.

3. As faces da boêmia... Pensando a prática por meio da voz oficial

Não construímos para esse estudo um arsenal documental gigantesco, apenas três crônicas pertencentes a coluna: Notas Mundanas e Locais², do Jornal Diário dos Campos. Por meio das crônicas recortadas, perceberemos a *representação* que dado discurso, este no contexto ao qual foi produzido e pelas circunstâncias sócio-políticas da qual se encontrava na sociedade em questão, retratavam a boêmia e, mais amplamente, as práticas de sociabilidade da cidade de Ponta Grossa durante a década de 1930.

Traçam-se, com isso, as tentativas de entender as faces de significados atribuídas à boêmia em uma cidade – Ponta Grossa da década de 1930³ - mais especificadamente, em 1937 (ano das crônicas postas ao debate), como também, os temas correlatos que a reflexão demandará por conta da boêmia, em alguns casos, tratada de modo propulsora, nodal na documentação.

Na década de 1930, de maneira geral, em Ponta Grossa revelavam-se certas concepções antagônicas de sociedade: entre a sua população poderiam ser encontrados representantes de projetos e concepções distintas, como: católicos, espíritas, protestantes,

maçons, comunistas, integralistas, entre outros, todos compartilhando de um mesmo espaço cidadão-geográfico. Inserindo-a no crescente processo de intensificação da estrutura urbano-industrial, representava em conjunto com as demais cidades do Paraná, os valores contidos no ideário do movimento “Paranista” e que segundo Chaves; “eram calados numa visão positiva de sociedade” (CHAVES, 2001, p.151). Nesse sentido, o jornal era a expressão deste mesmo arsenal semiótico, que segundo Chaves apresentava-se do seguinte modo:

A imagem de Ponta Grossa construída nas representações discursivas do Diário dos Campos é a de uma cidade ideal, na qual os problemas existentes tendiam a ser solucionados tanto por meio da atuação dos poderes constituídos como pelas ações individuais ou coletivas de membros da sociedade. A estratégia discursiva adotada pelo Diário dos Campos, nesse momento histórico, foi a de encobrir as disputas existentes na pluralidade social de Ponta Grossa por meio de um discurso caracterizado por uma suposta neutralidade e pela busca de um bem comum. [...] sociedade plural levou o Diário dos Campos a adotar uma prática discursiva que representava a busca de um consenso possível. (Idem, pp.151-152) [Sem grifos no original]

Desse modo, a primeira crônica selecionada à reflexão foi publicada em cinco de outubro de 1937, não trazia um referencial discursivo sobre a boêmia propriamente dita, todavia, sua potencialidade reside no fato de demandar reflexões sobre algo correlato, fruto de uma diferenciação da noção de Boêmia que acaba recaindo na própria construção do que é ser boêmio, ou seja, o malandro - a malandragem e correlações. Para tanto, podemos pensar os contrapontos e as representações construídas até então sobre o boêmio e, a partir daí, pensá-los em virtude de um embate social sobre o malandro. O interessante é situarmos tais relações para então percebermos a própria produção e intencionalidade do discurso. Assim, transcrevemos na íntegra para a análise a crônica:

Malandro - Tenha pena de ti, malandro decorativo. Tenho pena da tua peregrinação cansativa pelas escolas de samba, pelos lugares suspeitos, pelas ruas desertas da cidade às horas mortas da noite em busca de aventuras. Tenho um compaixão imensa de ti, malandro decorativo de camisa de meia, navalha e boné... Como deve ser extenuante, malandro, o teu officio de Quixote barato, escravo da opinião alheia, ocupado unicamente em manter, dia e noite, a reputação de “sabido”, de “Bamba”, de sambista e de vadio... (Diários dos Campos, 05-10-1937) [Sem grifos no original]

A malandragem ali expressa correlaciona-se a um estigma social. Representa-se, ou mesmo, expressa-se por meio do jornal um canal personificado como porta-voz de reclames e de expressões de um dado grupo e, neste caso, um grupo sobre o outro, sendo este último grupo alijado de defesa em esferas institucionais. Desta forma, as associações são extenuantes, ou seja, do malandro ao sambista, como também, o vagante pelas ruas de dia e de noite - vagante desocupado.

Correlacionam-se expressões de malandragem diretamente associadas ao carnaval, ou melhor, às escolas de samba. Estas, levando-se a pensar a própria significação do carnaval, isto é, apresenta uma idéia da desordem, ou melhor, o carnaval expressa-se como tal rito - a festa da desordem em contraposição ao Sete de Setembro, expressão da ordem e do progresso (DAMATTA, 1997, p.261). Para tanto, o Malandro recebe determinado imperativo - o mentor de uma desordem - como também, do retrocesso e do estigma social, para este não há espaço em uma cidade definida pelo mesmo Jornal como “A cidade Civilizada” (CHAVES, 2011, p.27).

Nesse sentido, as formas pelas quais o malandro foi relacionado e representando não estão dissociados dos elementos condicionantes da identidade brasileira, ou melhor, as formas constituintes presentes na crônica levam a dadas dramatizações, ou mesmo, expressões de uma “mentalidade” ritualizada a legitimar o cotidiano da década de 1930. Assim, Roberto

Damatta, expressa por meio de um triângulo ilustrativo a construção da *identidade brasileira*, ou seja, o embate desferido pelo jornal e os enunciadores ali presentes levam-nos a pensar de modo etnológico os trâmites discursivos e os elementos que perpassam a estruturação social brasileira. (DAMATTA, 1997, p.262).

As associações do malandro ao mundo do samba e a forma apontada como o *desocupado, o vadio, o Don Quixote barato* implicam em representações aproximadas ao negro, ao mulato, ao índio. Em suma, tais correlações revelam uma outra expressão do mesmo discurso ideológico do branco, da ordem, do civilizador, do possuidor da verdade e da salvação religiosa, isto é, as caracterizações construídas formam uma sujeição de determinada visão de sociedade. Particularmente em 1937 e, mais amplamente, à compleição republicana brasileira, por mais que a troca de governo e a reestruturação em 1930 tenha significado algo, apresenta-se um discurso aproximado das elites, sujeitando a uma prática discursiva intrínseca ao Estado Brasileiro, em outras palavras, o repúdio sobre as parcelas que não se enquadravam na ótica do progresso e desenvolvimento do país.

Malandro e boêmio apresentam pontos em comum - a noite, o bar, a sociabilidade, o vagar em busca de aventuras – mas, ao mesmo tempo, disparidades discursivas de representações de projetos de sociedade sobre eles, como também, dos indivíduos que fazem parte desses dois “grupos”. Assim, Antônio Paulo Benatte nos demarca estas diferenciações:

[...] [há uma] tipologia que distingue claramente o boêmio do marginal. Boêmios e malandros não fariam a mesma língua, apesar do boêmio saber a gíria da malandragem. O boêmio tem todas as virtudes do cidadão ideal: bons princípios, moral familiar, é trabalhador e respeitador; o falso boêmio, todos os defeitos e vícios dos desclassificados de índole vagabunda. O verdadeiro boêmio é o homem que brinca, o ser lúdico que ama os prazeres da noite, que anda no lado escuro mas permanece tocado pelas luzes do bem. O falso boêmio, ao contrário, é um ser das trevas, ‘de índole perversa e má’. Por meio de oposições e antinomias extremamente maniqueístas, duas figuras se delineiam com precisão, em sua irreduzível diferença (BENATTE, 1996, p.205). [sem grifos no original]

O malandro é, como já o foi demonstrado, uma categoria específica atribuída a um dado grupo, mas poderemos pensar o malandro como o boêmio às avessas. Boêmios e malandros seriam sinônimos enquanto um *modus vivendi* contraposto às classes conservadoras. Ambos variam conforme as dosagens de expressões, pois, estes, assim como aqueles, em alguns casos, são denunciados por determinadas práticas sociais, tidas como ofensivas a um imaginário promissor e ao bem comum civilizador.

Inferimos tais associações também no segundo fragmento discursivo selecionado para esta pesquisa. Na segunda crônica, a boemia é lembrada como um momento longínquo que não mais retorna e que seria de uma “inutilidade” reincorporá-la enquanto prática, ficando assim, a lembrança de um tempo que representa o indivíduo emerso na boêmia. Em primeiro de dezembro de 1937, com o título de “saudades inúteis”, na coluna matinal das “Notas Mundanas”, assinada por Don Juan, apresenta o seguinte relato:

A vida passou... As noites bohemias ficaram dentro da saudade... Recanto de bar povoado de arranha-céu de chops... No alto de tudo isso inspiração muito vaga deita de retalhos de recalques... Angustias indecisas de sofrimentos imprecisos... Longas conversas recheadas de confiança moldadas em cerveja... as noites bohemias era assim... Sem versos escriptos nos marmores brancos das mesas simétricas... Sem canções e sem músicas para encher de encantos e de romance a noite que passava... A inspiração agonizava dentro dos copos... A vida passou... Eram assim, as noites bohemias que ficaram dentro da saudade... Saudade inútil de cousas inúteis.

Don Juan. (Diários dos Campos, 01-12-1937). [sem grifos no original]

Um relato melancólico. Melancolia de uma vida que passou, da juventude que morre para fazer do moderno o momento válido, para tanto, o velho pesar desgastado que faz com que os gozos e as lembranças daqueles tempos a bailar e a beber correspondam ao oculto, ao subversivo. Constrói-se, assim, tais momentos pela inspiração de recordar a vida que passa e as saudades, por mais que inúteis, permanecem vivas em seu pensamento a ponto de publicá-las em um jornal.

Deixou-se na crônica a dramaturgia e a poetização da vida explicitas à imaginação de quem lê tal relato. Poderemos a partir do descrito e do desfecho do próprio cronista “*Saudade inútil de cousas inúteis*”, perceber certas implicações das quais falávamos anteriormente, em que determinados sistemas simbólicos demandam uma mudança cognitiva na forma de percepção do próprio sujeito que enuncia o discurso, nesse caso, de que ele se revela enquanto um “ex” boêmio, se isto for possível, a relembrar momentos que não voltariam mais.

Podemos pensar o Don Juan como expressão de um grupo ou de indivíduos que deixam tal prática e revelam-se a tal. Como também poderemos pensar de forma ilustrativa, como não fictícia, de um emblema ideológico que resulta na expressão dos interesses elitistas reproduzidos pela sociedade por meios dos sistemas simbólicos, perante o qual, faz da boêmia algo a se esquecer. Revela-se, dessa forma, um discurso que condiciona a uma certa disciplinarização do cotidiano, conforme anseios maiores e diretrizes perceptíveis dos grupos dirigentes. (CERTEAU, 1998, p.175).

A normatização ou mesmo a disciplinarização do cotidiano resulta em um meio de fazer-se a vida, uma construção do consenso coletivo, ou seja, uma esfera consensual que gera desvios aos que discordam, constituindo, assim, na construção e dinamização de representações em um caráter negativo sobre este outro que contesta a normatividade e a naturalização de um modo social de se viver. Destarte, a boêmia pode-se considerar como fuga de tal normatividade ou a construção de uma paralela, fazendo do boêmio um civilizado durante o dia e um devasso no contraturno.

Nesse sentido, a suspensão do mundo normatizado buscado pelo boêmio deve ter hora e lugar para a lógica deste “verdadeiro” boêmio que se difere do malandro, pois, compartilha de tais práticas da doce e amarga vida boêmia em horas marcadas com determinações socialmente postas e a convir com “a civilidade do bom homem” que, mesmo boêmio, faz-se representante de um grupo que aceita as regras de conduta e comportamentos definidos pelo “centro”. Segundo Benatte, o ‘boêmio em tempo integral’

Para não determinar as “os pontos em comum” que as fontes anteriores demonstraram, ou mesmo, não priorizando uma análise em série, mas buscando uma forma de qualitativismo discursivo, apresentamos o último fragmento extraído do jornal, pois, nos resultam a problematizar um caminho contrário ao até então percorrido, ou seja, mostrar as significações de aceitação de certas práticas pelo discurso oficial.

Dessa forma, pensaremos as relações amorosas e práticas da juventude ‘não boêmia’, ou melhor, de uma juventude dentro dos padrões construídos e reproduzidos pela sociedade como o paradigma normativo ideal. O fragmento, na realidade, é um diálogo de dois amigos que se encontram em uma matine de cinema, um comenta com o outro sobre a bela que o cativou. Segue o diálogo:

PEQUENA "DO OUTRO MUNDO"...

Num desses domingos "engarôado", em que a gente não tem o que fazer, domingos-vadios, resolvi ir a uma "matinée, num dos cinemas da cidade. Quando entrei, o amplo salão já estava regorgijando de gente moça. Especialmente de "garôtas", vestidas de todos as corêns parecendo bandeirinhas, em dia, de festa de cidade do interior...No intervalo, sahi. E no salão de fumar, encontrei um velho collega que, encandiante, com cara de quem acertou no "bicho", veio ao meu encontro.

- Não imagina você - disse-me elle, - que a pequena era do outro mundo", um "pancadão", que eu cavei"....Fiz questão de conhecer a tal "pequena". E elle, com uma desculpa apressada, pretexto precisar comprar cigarros. Desappareceu. Terminada a sessão, quando ia sahindo no meio de tanta gente, encontro o tal collega. Bem juntinha com a "pequena do outro mundo", a pequena era um "pancadão"... E que, tambem, era "zarôlha"... (Diário dos Campos, 13-10-1937)
[sem grifos no original]

Cinemas tornaram-se emblemas da modernidade, apresentavam-se como recantos aos domingos a tarde da mocidade burguesa, a redoma de casais em contraposição ao mundo boêmio da noite, dos bares. O cinema é representado enquanto espaço de namoricos, uma sociabilidade civilizada e bem aventurada às moças de família, como também, aos rapazes que desfrutavam as possibilidades fornecidas por um ambiente citadino em meados de 1930.

Desse modo, pouco importa para nós os significados das expressões de vergonha entre os amigos - o primeiro a querer em imediato mostrar o seu namorico – todavia, o que nos é significativo com esta ilustração discursiva é a forma pela qual o jornal representa tal enredo, ou melhor, uma forma de consenso e de legitimidade, fomentando que o espaço sadio e positivo era o cinema durante um dia de descanso. No entanto, tal significância afirma-se de modo a contrapeso, isto é, no sentido de que no mesmo período encontramos formas opostas de diversão, ou melhor, de sociabilidade, pois, há construções de cotidianos intercalados, paralelos e convergentes.

De forma geral, pensar o ser social – boêmio - ou as práticas culturais que este constitui na interação e na construção do cotidiano, significa percebê-lo como um tipo ambíguo que vivia a traçar suas rotas sem destino certo com leve pretensão de se findar em uma mesa de bar ou em uma “casa do prazer” – bordéis e cabarés. Andarilho do “centro” citadino - de onde se vinha e para onde sabia que deveria voltar - compartilha os mesmos espaços da malandragem, fazendo suas distinções e sendo o famoso boêmio que colocava em xeque vários preceitos da sociedade burguesa e da própria normatização social - por mais que desta compartilhe - cujas construções que o enaltecem são as mesmas que o apontam para as transgressões dos hábitos e práticas de seus dia-a-dias em noite longas.

Boêmia, boêmios, praticas mundanas da vida a constituir um modo peculiar de se viver, assim como o malandro, das dissidências das formas e das dosagens de ambos existe e existiu num cenário como Ponta Grossa - cidade dita, neste momento, eleita à reflexão como a “cidade civilizada” – e que se mostra contrária a tais práticas, todavia, cotidianamente sempre houve a existência e a reprodução contida neste cenário urbano, da vida noturna. Pois, como diria a antiga canção: “dor de amor, com novo amor a gente cura, vim curar a dor, desse mal de amor, na boate azul [...]”.

Considerações Finais

Boêmia, de maneira geral, espaço de fuga e de encontros ao bar, à noite, à vida, traços que se fundem na prática de compartilhar momentos de agonia a espera de se passar um porre como momentos de gozos no embalo de uma canção, no colo de uma dama. Já ao que tange às fontes, faz-se essencial pensarmos tais documentos de modo reflexivo e, ao mesmo tempo, remetendo não a uma serialização, mas sim, a expressividade da temática e a enunciados que formalizam correlações, ou seja, não encontraríamos ditames que afirmassem literalidades, mas sim, demonstrações discursivas que remetessem a pensar as delimitações propostas.

Nesse sentido, os dois primeiros fragmentos ao tratar da malandragem e das saudades inúteis representam o que se pensa e como se pensa a prática boêmia e o modo pela qual deve ser tratada discursivamente em uma cidade ordeira e conservadora. Já o terceiro fragmento,

representa uma tentativa inversa, demonstrando as práticas legitimadas pela sociedade que se contrapõem ao taxado e abominado boêmio.

Para tanto, apresentamos interstícios de ruptura como também de reforço das permanências de se trabalhar a boêmia e, assim, expandimos os horizontes aqui traçados perante tal prática e refletimos sobre ela até o presente cotidiano. Percebemos que a cidade não para. Não para de fazer-se e nunca acaba de se findar. Engendrados, muitas vezes pelos discursos oficiais, os boêmios configuram-se em pretensa distinção à prática da malandragem, ao final, contudo, colocam-se frente a frente em antagonismos que os fazem diferentes e iguais, criados à imagem e semelhança.

Podemos pensar a boêmia em tais ditames ou os espaços pelos quais esta se delinea - bares, botequins, cafés, restaurantes noturnos, cabarés, bordéis - como a mais *falsa consciência* de ser o que se é, para ser o que se faz ser, no sentido de mascarar a angústia de viver a solapar aquele que se quer ser livre ao prazer, porém, controlado pela normatização.

Nessas pressuposições, a boêmia ou práticas boêmias até os dias atuais funcionam como um escape de uma “realidade” ou normatividade, criando um gozo, a fuga de um cotidiano “cotidianizado”, ou seja, normatizador e opressor. Deste modo, a boêmia, na contemporaneidade molda-se a homens e mulheres, rompendo, com isso, aos ditames sexuais, ainda mais, compadecendo a espaços de várias classes e escalonamentos sociais, do bar dos trabalhadores, transitando pelos bares ao redor das universidades e aos botequins da elite, tudo se faz boêmio....

Fontes

Diário dos Campos. Notas Mundanas. Malandro. 05 de outubro de 1937.

Diário dos Campos. Notas Mundanas. Pequena do “outro mundo”. 13 de outubro de 1937.

Diário dos Campos. Notas Mundanas. Saudades inúteis. 1º de Dezembro de 1937.

Referências

BACZKO, Bronislaw. *Imaginação Social*. *Enciclopédia Einaudi*. Imprensa Nacional: Casa da Moeda, 1985.

BENATTE, Antônio Paulo. *O centro e as margens: Boêmia e prostituição na "capital mundial do café"* (Londrina: 1930-1970). Curitiba: UFPR, 1996. [Dissertação de mestrado.]

BRESCIANI, Maria Stella. *História e Historiografia das Cidades*. In: FREITAS, Marcos Cezar (org). *Historiografia Brasileira em Perspectiva*. São Paulo: Contexto, 1998.

CERTEAU, Michel de. *Invenção do cotidiano: artes de fazer*. V.2. Petrópolis: Editoras Vozes, 1998.

CHAVES, Niltonci Batista. *A cidade civilizada*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2001.

CHARTIER, Roger. *História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: DIFEL, 2002.

DAMATTA, Roberto. *Carnavais, Malandros e Heróis: Para uma sociologia do dilema Brasileiro*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

MATOS, Maria Izilda S. de. Copacabana: Cotidiano e Boêmia. In; _____; SOLLER, Maria Angélica (org.) *O Imaginário em Debate*. São Paulo: Editora Olho D'água, 1998.

MELLO, Maria Tereza Chaves de. A Modernidade Republicana. *Revista Tempo*. Rio de Janeiro, v.13, n.26, p.15-31, jan/dez. 2009.

REVEL, Jacques. *Proposições: Ensaio de História e Historiografia*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2009.

VELOSO, Mônica Pimenta. Os Cafés como espaço da moderna sociabilidade. In; Lopes, Antonio Herculano (Org.) *Entre Europa e África: A invenção do carioca*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2000.

¹ Em 27 de abril de 1907, Jacob Holzmann, fundou o [periódico] - O Progresso, jornal que a partir de 1º de janeiro de 1913, já de propriedade da Companhia Tipográfica Ponta-grossense, passou a se chamar, Diário dos Campos. Esse jornal se firmou ao longo da primeira metade do século XX como principal órgão da imprensa ponta-grossense (CHAVES, 2001, p.34)

² As colunas “Notas Mundanas e Locaes” eram espaços destinados pelo Diário dos Campos para informar aos leitores sobre fatos do cotidiano ponta-grossense. Informes sobre viagens, festas, nascimentos ou mortes, visitantes ilustres que chegavam à cidade, casamentos mesclavam-se com avisos de mudança de endereço e muitas vezes com cobranças de dívidas pessoais (CHAVES, 2001, p.42).

³ A década de 1930 pode ser caracterizada como um momento de grandes transformações para Ponta Grossa. Além do crescimento de seu contingente populacional, que se intensificou a partir de 1920, a cidade também registrou um acentuado desenvolvimento de seu quadro urbano conforme indicam os dados referentes àquela década [...] (CHAVES, 2001, p.16)